

Primeira Crítica

Ely Azeredo

IV Festival Brasileiro de Curta-Metragem

Se um festival deve ser mais um instrumento de reflexão que uma disputa de prêmios — condição mais uma vez assumida pela mostra que ontem apresentou os últimos filmes participantes — o quarto programa competitivo representou bem esse ideal. Literatura, teatro, poesia, ecologia, arquitetura, desenho de humor, pesquisa etnológica e análise das condições de vida do trabalhador passaram em 110 minutos pela tela, armando um painel da riqueza temática que se oferece ao curta-metragem brasileiro.

A abertura do Festival em termos de temas e tendências de produção permite associações insólitas e instigantes como as do programa de ontem. Enquanto o colorido Arquitetura de Morar, sobre as casas construídas por Zanini, enfatiza o respeito deste criador às formas da paisagem, dando aos seus moradores a reconfortante sensação de harmonia com a natureza e o próximo, A Pedra da Riqueza, em preto e branco (de uma inquietante ênfase nos brancos), sobre a primitiva labuta do garimpo da scheelita no vale do Sabugi, Paraíba, documenta uma Idade da Pedra a coexistir com o mineral utilizado na fabricação do tungstênio, que participa dos revestimentos dos foguetes espaciais e da indústria bélica avançada. O realizador deste filme, Vladimir Carvalho, mais uma vez sem esmorecer ante a pobreza a que está condenado (ainda) este cinema-testemunho sem concessões, redime o depoimento gravado dos vícios do pitoresco e do facilitário em que tantos cineastas incidem. Um garimpeiro como que conversa com o espectador sobre as condições de dura sobrevivência (se tanto) de seus companheiros ignorados pela proteção trabalhista. O cinema, aí, é pouco mais que testemunha ocular da desesperança desses personagens cuja "arquitetura de morar" muitas vezes se limita às cavernas abertas na rocha pela dinamite, refúgios que os desabamentos podem transformar em tumbas até o amanhecer.

Sobreviventes mais felizes — embora poucos — são os índios que Regina Jehá foi registrar no litoral paulista para seu Guarani. Estes pelo menos ganham seu sustento independentemente e vivem coesos na preservação do que resta de sua cultura. A cineasta não se compraz com o mito dos paraísos primitivos, mas suas imagens comunicam uma vivência integral: deixa claro que os primeiros moradores do país não precisam de reconciliação com a natureza; necessitam apenas do respeito dos que chegaram depois.

Em Caulos — Um Desenhista de Humor, de Hugo Kusnet, montado em parceria com o cineasta (também autor da fotografia) Júlio Heilbron, a natureza não é algo por procuração (como em A Pedra da Riqueza), nem aliada (como em Guarani); ela prima pela ausência. Sobrevivente cotidiano da megalópole, Caulos respira e nos renova a respiração pelo desenho: sua reação à desumanidade urbana, à poluição ambiental e animica revela-se numa arte plena de nostalgia da vida natural perdida.

Festival vai exibir todos os premiados

A Pedra da Riqueza, Segunda-Feira, Viagem ao Interior Paulista, São Caetano — Imigração Italiana e Wanda Pimentel, os cinco filmes premiados no IV Festival Brasileiro de Curta-Metragem, promoção do JORNAL DO BRASIL e da Shell, serão exibidos hoje, no Cinema-I, em duas sessões: uma, às 18 horas e outra, às 21 horas.

Além dos cinco premiados serão exibidos também os dois filmes que receberam menção honrosa — O Anno de 1798 e Icaro e o Labirinto — e o média-metragem Canticos Brasileiros, do acervo da filmoteca da Shell. Os prêmios serão entregues no dia 27, às 17 horas, no nono andar do JORNAL DO BRASIL.

SELEÇÃO E PREMIAÇÃO

Todos os 35 filmes selecionados dividirão igualmente uma verba de Cr\$ 30 mil, a título de aluguel de exibição, enquanto os cinco premiados receberão cada um a quantia de Cr\$ 8 mil.

Nos quatro dias de exibição foram mostrados em duas sessões 34 filmes (o 35º, Semi-Ótica, foi censurado) que concorreram ao IV Festival Brasileiro de Curta-Metragem e mais dois, Hors-Concours: Simitério do Adão e Eva e Ponto Final.

O júri foi composto por Heloisa Buarque de Holanda, pesquisadora e professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro; Guido Araújo, cineasta e diretor da Jornada Brasileira de Curta-Metragem, realizada em Salvador; Stil, cineasta, e Miriam Alencar, crítica de cinema do JORNAL DO BRASIL.

A REPERCUSSÃO

A Pedra da Riqueza, de Vladimir Carvalho, e Segunda-Feira, de Geraldo Sarno, foram exibidos ontem e provocaram aplausos até na platéia da sessão vespertina, quase sempre mais tranquila e menos apaixonada que a das 21 horas. Viagem ao Interior Paulista, de Sérgio Santelero, apresentado na quarta-feira, ganhou até algumas vezes de público em

de morar" muitas vezes se limita as cavernas abertas na rocha pela dinamite, refúgios que os desabamentos podem transformar em tumbas até o amanhecer.

Sobreviventes mais felizes — embora poucos — são os índios que Regina Jehá foi registrar no litoral paulista para seu Guarani. Estes pelo menos ganham seu sustento independentemente e vivem coesos na preservação do que resta de sua cultura. A cineasta não se compraz com o mito dos paraísos primitivos, mas suas imagens comunicam uma vivência integral: de tra claro que os primeiros moradores do país não precisam de reconciliação com a natureza; necessitam apenas do respeito dos que chegaram depois.

Em Caulos — Um Desenhista de Humor, de Hugo Kusnet, montado em parceria com o cineasta (também autor da fotografia) Júlio Heilbron, a natureza não é algo por procuração (como em A Pedra da Riqueza), nem aliada (como em Guarani); ela prima pela ausência. Sobrevivente cotidiano da megalópole, Caulos respira e nos renova a respiração pelo desenho: sua reação à desumanidade urbana, à poluição ambiental e animica revela-se numa arte plena de nostalgia da vida natural perdida. Sem violentar as criações do humorista, o filme participa, de certo modo, da categoria do filme de animação.

Dentro dos limites de primeiro registro destacamos o muito informativo Teatro Brasileiro, de Olney São Paulo; a sensibilidade de Sereno Desespero, de Luiz Carlos Lacerda de Freitas, evocando a poesia de Cecília Meireles; a interessante adaptação do conto Missa do Galo, de Machado de Assis, feita por Roman Stulbach; e a evolução de Geraldo Sarno para uma construção mais cinematográfica em Segunda-Feira, a propósito da feira de Caruaru.

O júri foi composto por Heloisa Buarque de Holanda, pesquisadora e professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro; Guido Araújo, cineasta e diretor da Jornada Brasileira de Curta-Metragem, realizada em Salvador; Stíl, cineasta, e Miriam Alencar, crítica de cinema do JORNAL DO BRASIL.

A REPERCUSSÃO

A Pedra da Riqueza, de Vladimir Carvalho, e **Segunda-Feira**, de Geraldo Sarno, foram exibidos ontem e provocaram aplausos até na platéia da sessão vespertina, quase sempre mais tranquila e menos apaixonada que a das 21 horas. **Viagem ao Interior Paulista**, de Sérgio Santelero, apresentado na quarta-feira, ganhou até algumas vaías do público, o que não aconteceu com São Caetano — Imigração Italiana, de Tanta Savietto, e Wanda Pimentel, de Antônio Carlos Fontoura, que se não tiveram uma acolhida mais calorosa pelo menos tiveram elogiado o trabalho e a técnica com que foram feitos.

O Ano de 1978, de Artur Omar, foi um dos filmes mais aplaudidos da terça-feira, enquanto Icaro e o Labirinto, de Antônio Moreno, desenho animado apresentado na quarta-feira, ganhou até algumas vaías. Para o público que assistiu a todas as sessões do IV Festival Brasileiro de Curta-Metragem será surpresa a não inclusão entre os premiados dos filmes Simplex, de Alcídio Martins da Quinta, A Propósito de Futebol, de Roberto Kahané, e Chorinhos e Chorões, também de Antônio Carlos Fontoura.

SESSÃO EXTRA

Para atender aos que não conseguiram convites da sessão de encerramento (21 horas de hoje) foi decidido realizar uma sessão vespertina, às 18 horas, onde terão validade tanto os ingressos para a sessão da tarde como para da noite. Dessa forma um número maior de espectadores poderá assistir à reapresentação dos filmes premiados e também à exibição, hours concours, do média-metragem Canticos Brasileiros.

A montagem de Canticos Brasileiros é de Amauri Alves e a fotografia, de Leonardo Bartucci, Dib Lufti, Júlio Silva e também de José Eduardo Alcazar. Ele tem 40 minutos de duração e mostra paisagens desde o Amazonas até o Rio Grande do Sul.